



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Matéria', de Rosa Maria Martelo]

Graça Videira Lopes

Para citar este documento / To cite this document:

Graça Videira Lopes, "[Recensão crítica a 'Matéria', de Rosa Maria Martelo]", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 225-227.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 360.

<sup>8</sup> *O Sentido da Vida É só Cantar*, ed. cit., p. 116.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 27.

<sup>10</sup> *Bere'shith — A Cena da Origem*, trans. Haroldo de Campos, São Paulo, Editora Perspetiva, 1993.

<sup>11</sup> *Maças de Espelho*, Lisboa, Língua Morta, 2012, p. 20.

Rosa Maria Martelo

MATÉRIA

Lisboa, Averno / 2014

A obra ensaística e crítica de Rosa Maria Martelo, professora na Universidade do Porto, constitui, há muitos anos, um lugar de passagem obrigatório para todos os que se interessam pela poesia portuguesa contemporânea. Dos seus vários livros e numerosos artigos publicados sobre a matéria, sobressai não só um olhar atento e informado sobre os diferentes e, por vezes, quase subterrâneos, caminhos trilhados pela poesia das últimas décadas, como uma voz crítica inteligente e em permanente diálogo com as questões centrais da nossa modernidade.

A obra poética de Rosa Maria Martelo, sendo mais recente, talvez seja menos conhecida. Eventualmente pela discrição que parece caracterizar a passagem da ensaísta para o lado de lá, o da criação poética, mas decerto também por distração dos leitores, e em seu inteiro prejuízo. *Matéria*, a segunda recolha de poemas que publica, é disso um exemplo. Trata-se de um pequeno livro de 47 páginas e 26 textos, um objeto que poderíamos classificar como «frágil por fora e denso por dentro», para retomar, invertendo a ordem dos adjetivos, um verso do poema de abertura, «O Ouriço» («o ouriço, denso por fora e frágil por dentro»).

É esta uma inversão que, diga-se desde já, pode encontrar uma justificação no próprio livro, na lógica da contradição significante que preside à sequência de

alguns poemas, como acontece em «Perto» (a fechar o que poderemos considerar a primeira parte do livro) e «Longe» (no início da terceira parte), poemas que se respondem em eco invertido: «Não me tragam o longe para perto. Nunca», diz-se no primeiro; «Tragam-me agora o longe para perto. Que brilhe [...]», diz-se no segundo. Entre os dois, e entre duas páginas cinzentas que assinalam um bloco intermédio, «Outro Mundo», o único poema longo do conjunto, marcado por diferenças várias em relação aos restantes, mas que logo no início diz ao que vem: «Não vi o jardim não vi a praça vi a fotografia / e há o vídeo onde as aves esvoaçam [...]».

É conhecido o interesse de Rosa Maria Martelo pelo cinema, ou pelas particulares relações entre as artes visuais da imagem (cinema, vídeo, fotografia) e a arte da escrita poética, um interesse de que resultaram já a antologia *Poemas com Cinema* (com Joana Matos Frias e Luís Miguel Queirós, 2010) e a recolha ensaística *O Cinema da Poesia* (2012). Mas um interesse que é também muito visível no livro que marca a passagem da autora à escrita não académica, *A Porta de Duchamp* (2009), uma pequena sequência de textos entre prosa e poesia, ou entre reflexão e escrita poética, sob a égide dos dispositivos cinéticos, conceptuais e interartes de Marcel Duchamp, o modernista que foi um dos primeiros a trabalhar criativamente movimento e imagem. «A Porta de Duchamp» é também o título de um dos textos desse livro, o que alude a uma porta ficcional para o paradoxo da passagem. No caso, também à criação literária, se quisermos.

Ora bem: em *Matéria*, o bloco constituído pelo poema longo «Outro Mundo» retoma essa matriz temática (o cinema, o vídeo), mas somando-lhe agora, num registo que abre para uma dimensão co-

letiva e social, uma reflexão crítica sobre os caminhos da Europa, nos múltiplos «écrans» onde se constrói o espetáculo de um espaço registado, organizado e em perda, entre imagens de «ossos sobre ossos» (expressão repetida como uma espécie de refrão) e, por exemplo, «as cores do céu no vídeo todo azul». É assim que os aparentemente contraditórios poemas «Perto» e «Longe», que enquadram este «Outro Mundo», se lhe juntam, na verdade, na formação de um tríptico, que tem o cinema e, de forma geral, os dispositivos de captação visual de imagens, como motivo e interrogação.

Dito isto, convém acrescentar que este tríptico central constitui apenas um dos vetores de *Matéria*, um livro onde Rosa Maria Martelo diversifica de forma muito significativa os temas, os registos discursivos e até os recursos da oficina poética ao seu dispor. Optando maioritariamente pelo verso, mas mantendo nalguns textos a mancha gráfica da prosa, usando criativamente aliterações, sinestésias e certas invenções verbais (os «instrumentos impossíveis» do poema de abertura, ou a «pedra líquida a arder», em «A Ilha»), é este um livro que não evita os grandes temas comuns à poesia de todas as épocas, como o amor («Transporte») ou a morte. Sempre num discurso de intimismo contido, e muitas vezes numa linguagem despojada, o *eu* expõe-se assim à perda dos que partem (como no excelente e comovido «Quase Inverno Outra Vez»), ou mesmo à prefiguração da morte (como em «Lírios»). Mas aqui, e em contraste com o registo da melancolia que marcou e talvez marque ainda uma boa parte da poesia portuguesa contemporânea, numa aceitação pacificada: «Dispo agora toda esta roupa e escrevo / — sem frio nem perda nem desastre — / a partir desse dia que virá, esse dia depois de mim». E há ainda os

«Fios» que unem os que partem e os que provisoriamente ficam, nas casas habitadas, fechadas, revisitadas, onde o pó se acumula, para logo se limpar: «[...]vezes e vezes isto, dormir, acordar, roupa ida e vinda de lavar, fios trocados noutros fios, o musgo outra vez vivo, as manchas que alastram nas paredes, e que tanta mão apaga, tanta gente».

Como é nítido neste poema em prosa, que das casas retém o quotidiano dito em modo de enumeração simples («O jornal amassado contra os vidros, o pano que desliza na madeira, o tampo lavado desta mesa, ceras, lixívias, detergentes, água a correr [...]»), a chamada condição feminina penetra igualmente nos interstícios de *Matéria*, em modo discreto sempre, mas nem por isso menos significativo. Em «Branco» (o poema que precede «Fios» e uma das várias cores usadas em título), é o estendal da roupa o objeto desencadeador da imagem: «Interessa-me o inconcreto branquejar / da roupa no estendal (o branco não)»; em «A Mais Estreita Linha», é o espaço «em que o meu vestido passa / por demais perto do chão / [...] onde o tecido arrasta / e guarda o rasto de passar» que a escrita convoca; em «Constelações» são os gestos maternos comuns: «Na parede, a cada risco / sobe pelos anos a altura dos meus filhos»; em «Cortes» é a jarra de flores «sobre a mesa iluminada pela luz da tarde» que serve de referência à «beleza cortada, agonizante, assassinada pelo amor da beleza». Sendo, em meu entender, fúteis todas as teorizações sobre a escrita feminina, o certo é que Rosa Maria Martelo escreve claramente, sem alarde nem segredo, a partir de uma identidade biográfica, que é o *eu* feminino onde está e que lhe fornece a perspetiva.

Mas *Matéria* é também, como brevemente já referi a propósito do poema «Branco», um livro decididamente co-

lorido. Seis dos seus poemas convocam uma cor para título («Negro», «Verde», «Vermelho», «Amarelo», «Azuis», «Branco»), a que se junta, quase a terminar o livro, «Uma Última Cor». São textos bastante diferentes uns dos outros, e que, se obviamente trabalham a partir da memória implícita da paleta do Modernismo, o fazem sempre na referência explícita a um real concreto e a uma experiência do mundo. Dentre todos, destacaria «Verde» (uma sequência de dois curtos textos em prosa), a meu ver, um dos mais belos poemas do livro, e onde uma fila de palmeiras se transforma gradualmente, e por puro efeito de escrita, em aérea catedral gótica. Também o «Vermelho» e o «Amarelo» convocam a botânica, o primeiro nas flores da romãzeira, o segundo nos laranjais de Silves (enquanto o «Negro» é a ausência de cor de uma árvore no inverno, como raiz invertida). Os «Azuis» são, como seria de esperar, as diferentes graduações de mar e céus (incluindo os urbanos); e nos cinco versos que constituem «Uma Última Cor», o motivo é o do copo de água onde uma criança limpa os pincéis de uma aguarela (uma breve mas também deveras notável invenção, como o leitor poderá, se ler o livro, descobrir).

«Houve sempre coisas magníficas», diz-se em abertura do poema «Constelações». Nesse poema se enumeram algumas delas, pequenas coisas, como a chama de um isqueiro, a forma de um ovo, as memórias de infância sem qualquer nostalgia (porque «houve sempre» quer dizer «ainda existe», como se explicita mais adiante). A enumeração, em jeito de inventário luminoso, é feita com uma notável simplicidade de meios (cito um pouco ao acaso): «Abrirem-nos a porta e o sorriso, chover, estar sol, haver / um grande temporal, cair granizo, a rua toda branca / lá em baixo [...]». São coisas que o poema

projeta num fundo humano de fragilidade («E os olhos / frágeis onde uns aos outros mais amamos»), entre história (e o «absurdo de haver injustiça nisto») e, também aqui, a consciência da morte. Mas é esta consciência que, finalmente, permite o brilho, o da chama do isqueiro ou o das constelações. Porque a morte é, como dizem as linhas finais deste belo poema, «a única razão de nos querermos / para sempre, eternamente vivos».

*Graça Videira Lopes*

**Ricardo Gil Soeiro**

**BARTLEBYS REUNIDOS**

PARA UMA ÉTICA DA IMPOTÊNCIA

Porto, Deriva Editores / 2013

Para além de poesia, Ricardo Gil Soeiro publicou vários livros de ensaio, de que destaco *Iminência do Encontro*, com o qual conquistou o Prémio Literário Pen Club 2009, na modalidade de Primeira Obra. Desde a sua estreia, com *O Alfabeto dos Astros*, se podia observar uma poética amadurecida e inspirada, um lirismo a que a poesia contemporânea portuguesa — pelo menos a mais recente — é avessa, com raras exceções. Por outro lado, era já reconhecível um trabalho de linguagem de grande rigor e exigência.

*Bartleby's Reunidos, 30 poemas em forma de nota de rodapé a um texto invisível* é o segundo volume de um arriscado e ambicioso projeto, a «Tetralogia de Uma Poética Palimpséstica», que o poeta pretende apresentar até 2015.

Bom aprendiz de enigmas e de ocultas cifras, Ricardo Gil Soeiro lança o desafio ao leitor. Que texto invisível é este? Claramente a obra de Melville, *Bartleby, o Escrivão*. Não se trata aqui de um Bartleby isolado, o de Melville, o paradigmático, mas antes de um entrecruzamento